

Em Brasília, ameaça de despejo

Ana Lúcia Moura
Da equipe do Correio

Ameaçados de passar vergonha hoje, dia do índio, os diretores da Fundação Nacional do Índio (Funai) correram muito na tarde de ontem. Os pensionistas que recebem os indígenas na cidade, há quase dez anos, não têm dinheiro para alimentar os hóspedes. Água e luz já foram cortadas várias vezes por falta de pagamento. Como se não bastasse, uma das imobiliárias que aluga casas-abrigos tem nas mãos uma ordem de despejo para fechar duas das nove pensões existentes. Quase 80 índios ficaram com as malas entre a porta e a rua, durante toda a manhã.

A Funai teve de conseguir uma verba emergencial para impedir que eles ficassem desa-

brigados. A Administração Executiva Regional do Xingu liberou, no final da tarde, R\$ 15 mil para pagar uma parte das despesas com a imobiliária. Mas o dinheiro só foi repassado para uma das pensões — a que abriga índios do Xingu, um total de 40. Os demais, da tribo dos Fulni-ô, podem ser expulsos a qualquer momento. Outro problema é que o dinheiro não cobre toda a dívida do aluguel da pensão onde moram os índios da etnia xingu. O valor da dívida é de quase R\$ 23 mil.

A pendência se arrasta há muito tempo. Como a Funai não dispõe de um espaço próprio para abrigar os indígenas que vêm a Brasília, ela paga a hospedagem. A diária custa R\$ 15 por pessoa. O contrato quase informal, já que não existe um acordo assinado pelas partes envolvidas, inclui também as despesas com alimentação.

Mas os responsáveis pelas pensões não recebem um centavo do órgão há 12 meses. O valor

que a Funai deve aos nove já soma R\$ 1,2 milhão. O montante conta também hospedagens de alguns períodos de 1998 e até 1995. Durante este tempo, os anfitriões dos índios têm vivido às custas de empréstimos, favores e muito desgaste com a Funai.

AÇÃO DE DESPEJO

A situação chegou ao limite há dois meses, quando saiu o resultado da ação de despejo que a imobiliária Nova Era move na justiça contra os dois inquilinos devedores. Os pensionistas conseguiram prorrogar o prazo. Queriam tentar mais uma vez negociar com a Funai. Sem resultados. Há quatro dias, uma oficial de justiça do Tribunal de Justiça do DF bateu na porta das duas pensões. Chegou com o caminhão pronto para remover todo mundo.

Os responsáveis pelas casas só não ficaram na rua porque conseguiram negociar um novo prazo com a imobiliária. Eles têm até domingo para pagar o

aluguel das pensões, localizadas nas quadras 703 e 705 da W3 Sul. Se não acertarem as contas neste período vão ter de sair. "Tentei segurar a situação até onde pude. Entendo que a culpa não é dos pensionistas, tampouco dos índios. Mas eu represento os proprietários do imóvel e eles precisam do dinheiro", diz o dono da imobiliária Nova Era, Victor Sanderson.

A Funai, no entanto, garante que não tem dinheiro para pagar a dívida. "Em junho do ano passado, algumas funções que eram nossas foram transferidas para outros órgãos. Com isso, a verba que recebíamos do Ministério da Justiça para pagar hospedagens de índios é agora da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). E a União não reservou verba no orçamento de 2000 para esta finalidade", explica a diretora de Assistência da Funai, Susana Guimarães.

Os pensionistas não se conformam com as justificativas. "Não quero saber de onde vem o dinheiro. É o pagamento pelo meu trabalho. Passei um ano sustentando índios. Pedindo emprestado para poder comprar comida para eles. Dispensando a diarista e indo para a cozinha, porque não tenho como pagar pelo serviço", afirma Maria Vasco da Silva, dona de

uma das pensões com ameaça de despejo. Os índios hospedados na pensão dela também estão insatisfeitos: "Hoje faltou pão. A comida se repete. A situação está difícil", reclama o índio Ianaculá, 42 anos, da tribo Kamairurá — que veio discutir com a Funai um projeto comunitário para sua aldeia.

Atualmente, as nove pensões existentes em Brasília abrigam 220 índios — foi em uma delas que há três anos o índio Galdino Jesus dos Santos tentou entrar durante a madrugada. Como não conseguiu, decidiu dormir no ponto de ônibus da entrequadra 703/704 Sul. Acabou sendo queimado vivo por cinco adolescentes que queriam brincar com um mendigo.

Os índios vêm de todas as regiões do país, sobretudo para discutir demarcações de terras, fazer tratamento de saúde e reivindicar atenção do governo. O problema, segundo os pensionistas, é que depois de chegar eles não querem mais voltar. "Alguns estão na minha pensão há dois meses e a Funai continua autorizando a permanência deles. O que eu vou fazer? Colocar para fora? Se eu fizer isso, aí é que a Funai não paga mesmo", diz Getúlio Valente, outro dono de pensão que pode ter de abandonar a casa a qualquer momento.

INSTITUTO	
SOCIOAMBIENTAL	
Documentação	
Fonte	CB
Data	19/4/2000 Pg 16
Class.	1870